

GT 2: SAÚDE NA JUVENTUDE

Tendo por objetivo a reflexão e o debate em torno da saúde da juventude, o GT receberá trabalhos que discutam políticas de saúde para as juventudes; qualidade de vida; saúde sexual e reprodutiva; o uso de drogas lícitas e ilícitas; saúde mental de jovens; fatores de risco e proteção para o adoecimento entre jovens; prevenção do adoecimento e promoção da saúde integral; medicalização de jovens em espaços educativos; campanhas educativas sobre saúde; sofrimento psíquico, ansiedade, depressão e suicídio entre jovens.

Coordenação: Rodrigo de Andrade

[Observatório das Juventudes | PUC PR]

JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA CONTEMPORÂNEA: A ÂNSIA PELA PERMANENTE FORMAÇÃO E SUPERAÇÕES EMOCIONAIS

Elaine de Azevedo Maria

Mestre em Ciências Sociais

PUC-Rio - elaineamaria@puc-rio.br

Resumo: Ao realizar uma pesquisa de inspiração etnográfica com os estudantes bolsistas que possuem bolsa com análise socioeconômica da PUC-Rio restou evidente que possuem traços comuns em relação às dificuldades no ambiente universitário. O objetivo deste artigo é apresentar as dificuldades da esfera emocional como a ansiedade; a depressão; a necessidade de corresponder à expectativa familiar e o correlato medo do fracasso; a ânsia pela formação constante; a crise financeira; a possibilidade de não conseguir colocação no mercado de trabalho e como o estudante busca mecanismos de superação para sua permanência na universidade.

Palavras-chave: Saúde mental juvenil; permanência universitária

Ao realizar uma pesquisa de inspiração etnográfica com os estudantes bolsistas que possuem bolsa com análise socioeconômica da PUC-Rio restou evidente que possuem traços comuns em relação às dificuldades no ambiente universitário, refletidos em cinco esferas: as dificuldades acadêmicas, econômicas, de sociabilidade, emocionais e a distância entre a PUC-Rio e a sua residência. Neste artigo apresento as dificuldades na esfera emocional e como o estudante busca mecanismos de superação para sua permanência na universidade.

Durante todo o processo de entrevistas – e também no meu trabalho na Pastoral Universitária da PUC-Rio – eram constantes as referências a questões relativas à ansiedade, ao estresse e à depressão, de forma direta e indireta. Esses sentimentos circulam a exigência da constante atualização, a manutenção da bolsa de estudos, a imprevisibilidade do futuro e a necessidade de autoafirmação acadêmica e pessoal. O objetivo é observar as estratégias de superações do estudante bolsista sobre estas questões.

As dificuldades mais profundas de serem enfrentadas foram as emocionais. Dentro deste espectro de dificuldades emocionais apareceram muitos obstáculos: a ansiedade; a depressão; a necessidade de corresponder à expectativa familiar e o correlato medo do fracasso; a ânsia pela formação constante; a crise financeira; a possibilidade de não conseguir colocação no mercado de trabalho. Estes são os principais fatores relatados pelos estudantes que dificultam, dentro da esfera que chamamos de emocional, a permanência universitária.

Gilles Deleuze denomina as sociedades contemporâneas como de controle, em substituição às sociedades disciplinares narradas por Foucault. Segundo o autor, nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar “da escola à caserna, da caserna à fábrica”, já nas sociedades de controle não há término: “a empresa, a formação, o serviço sendo os estados

metaestáveis e coexistentes de uma mesma modulação, como que de um deformador universal” (Deleuze, 1992, p.229).

Nas sociedades de controle, a formação educacional precisa de uma gerência contínua, uma avaliação constante e a necessidade de ininterrupto preparo da ação escolar. Há a crise das instituições com a implantação progressiva e dispersa de um novo regime de dominação. Com isso, muitos jovens solicitam serem “motivados” e uma permanente formação (Deleuze, 1992, p.231-2). Essa análise do autor demonstra um fator que certamente contribui para a instabilidade emocional do estudante. As grandes dificuldades enfrentadas no cotidiano universitário se somam ao medo do novo espaço conquistado, tão distante das fronteiras percorridas pelo seu grupo social e que resulta em não mais uma certeza de conquistar uma colocação profissional. A ausência de certeza de um trabalho após a conclusão do curso incrementa a instabilidade emocional durante o período universitário. Em especial para os estudantes bolsistas de cursos que envolvem habilidades artísticas, como design e artes cênicas que necessitam – entre outros fatores – de uma rede de contatos para conseguir atuação profissional. A estudante de Design Kátia se formou 1 mês depois da entrevista concedida a essa pesquisa. Ela contou que não estava conseguindo emprego e voltou a trabalhar na pequena loja de roupa de sua família. Em conversa informal, ela fez a seguinte análise: “para que tanto esforço, se eu nunca irei conseguir trabalhar com o que eu sonho e vários dos meus colegas já estão trabalhando ou abriram suas próprias empresas?”. Essa realidade já era sabida pela estudante durante o curso, mas isso não a impediu de empenhar-se e tentar quebrar a barreira da reprodução das suas condições e horizontes sociais. Todavia, gera uma constante ansiedade, aflição e tormento, conforme narrado por ela sobre como ela lidava, durante a faculdade, com a imprevisibilidade do futuro.

Richard Sennett (1999) afirma que a modernidade favorece novas relações sociais, familiares e trabalhistas. Para compor a estrutura analítica de seu argumento, o autor narra a história de Rico e seu pai, o faxineiro Enrico, e mostra que o capitalismo vive um novo momento, caracterizado por uma natureza flexível, que se contrapõe à rigidez burocrática. As consequências da rotina exacerbada e os novos significados das relações trabalhistas criam uma constante sensação de ansiedade. Sem saber os riscos nem objetivos a médio prazo, o próprio senso de caráter pessoal é alterado. Para o autor, caráter é “o valor ético que atribuímos aos nossos próprios desejos e às nossas relações com os outros, ou se preferirmos (...) são os traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem” (Sennett, 1999, p.10).

Nesse sentido descrito por Sennett, “caráter é um termo mais abrangente que seu rebento mais moderno, a personalidade, pois este se refere a desejos e sentimentos que podem apostemar por dentro, sem que ninguém veja” (Sennett, 2012, p.10). Logo, quando o autor se refere à palavra caráter, alude ao termo que concentra, sobretudo no aspecto a longo prazo de nossa experiência emocional, sentimentos relacionados à lealdade, ao compromisso mútuo e à prática de adiar a satisfação em troca de um fim futuro. Caráter são os traços pessoais a que damos valor em nós mesmo, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem (Sennett, 2012, p.10).

Esta visão que coloca a formação da personalidade e do caráter no período da juventude foi percebida na entrevista do estudante Leandro, de Comunicação: “As certezas são: na juventude a gente forma o caráter, adquire ideologias, dá de cara no muro e aprende – ou não [risos]. Chora e dá risada, cria amizades e companheiros de luta pro resto da vida”.

O estudante bolsista está no processo de formação profissional e de caráter, todavia o resultado é algo que está além das experiências do seu grupo social, em especial ao primeiro bacharel do grupo familiar. Além da perspectiva de futuro ser desconhecida para o bolsista e sua família, a própria sociedade está em transformação, com novas profissões e modalidades de emprego. A ansiedade pela constante formação alterou a perspectiva que antes buscava especialistas e hoje requer profissionais com formação profissional mais plural (Sennet, 2012).

O Brasil enfrenta, desde 2008, uma série de crises políticas e econômicas que aumentaram o desemprego. Soma-se a grande modificação no mercado de trabalho ocorrida, entre outros fatores, pela consolidação da internet e pelas modificações ocorridas em consequência da modernidade, que tornou líquida as relações de trabalho (Bauman, 2001). É muito esforço para pouca garantia de sucesso no final do curso universitário. O enfraquecimento das instituições da sociedade de controle, narrada por Deleuze (1992), apenas se soma a diversos fatores que geram ansiedade e insegurança ao estudante. E se após tanto esforço o estudante não obtiver sucesso, este fracasso mostra ser mais estigmatizante que no passado, uma vez que o estudante perdeu a sua chance (Bourdieu, 2003, p.483).

O Brasil enfrenta, desde 2008, uma série de crises políticas e econômicas que aumentaram o desemprego. Soma-se a grande modificação no mercado de trabalho ocorrida, entre outros fatores, pela consolidação da internet e pelas modificações ocorridas em consequência da modernidade, que tornou líquida as relações de trabalho (Bauman, 2001). É muito esforço para pouca garantia de sucesso no final do curso universitário. O enfraquecimento das instituições da sociedade de controle, narrada por Deleuze (1992), apenas se soma a diversos fatores que geram ansiedade e insegurança ao estudante. E se após tanto esforço o estudante não obtiver sucesso, este fracasso mostra ser mais estigmatizante que no passado, uma vez que o estudante perdeu a sua chance (Bourdieu, 2003, p.483).

O cotidiano universitário exige do estudante esforços que provocam uma resposta fisiológica: o stress. Este stress pode impulsioná-lo a agir, para frente, ou pode ser um peso que o imobiliza e o impede de reagir (Rios, 2006, p.47). Porém, o estudante bolsista tem um fator extra que contribui para a instabilidade emocional: a necessidade de ir bem nos estudos para a manutenção da bolsa.

Como já visto, tanto a bolsa filantrópica quanto a bolsa vinculada ao Prouni cobram o aproveitamento de 75% nas disciplinas cursadas. Com isto, há sempre risco iminente de interrupção do curso universitário.

O estudante Gustavo, de Design, que estava no 10º e último período da graduação, ao ser questionado: “Como você vê sua saúde mental como universitário bolsista?” respondeu: “A pressão e ansiedade são maiores e constantes durante os períodos de prova. Bate um

medo, não de tirar nota baixa, mas disso ser relevante para cortarem a bolsa.” Após uma longa pausa, com emoção, o estudante que já estava no final do seu curso continuou:

A condição de rendimento para a bolsa, no meu caso, veio sendo acompanhada de um estresse e desgaste de energia por morar longe. O fato de ter que se deslocar grandes distâncias e perder tempo com isso e ainda nas condições precárias de ônibus cheios foi a pior coisa durante a graduação. (Gustavo)

A estudante Lúcia, do 5º período do Serviço Social, de 35 anos, ao ser questionada: “Como você vê sua saúde mental como universitária bolsista?” deu seu depoimento: “A cobrança pra manter o CR [alto] dá um pouco de medo mas, por outro lado, é bom porque você aprende a ter mais responsabilidade. Tem gente que às vezes paga e não dá tanto valor quanto um bolsista”. A relação com o estudante pagante aparece de forma a estimular a estudante. A entrevista continuou com a pergunta: “E você é mãe, né?” Ela respondeu: “É... e para quem tem família e filhos e não tem quem faça tudo por você... gera uma ansiedade! Porque as boas notas são mais uma responsabilidade. E [sobra] pouco tempo livre para se dedicar aos estudos...”

Pierre Bourdieu declara que a Escola tem produzido cada vez mais pessoas que padecem de mal-estar crônico, instituído pela experiência – real ou em potencial – do fracasso escolar. E que esta relação constante com a potencialidade do fracasso é uma sensação de blefe permanente e com isso a imagem de si fica duramente arranhada ou mutilada (2003, p.484).

O autor prossegue narrando que os estudantes de famílias ricas recebem conselhos que são capazes de sustentá-los em caso de incerteza, além de senso e investimento, que favorecem as escolhas apropriadas. Já os oriundos de famílias pobres, por não possuírem esse tipo de instrução, são obrigados a confiar suas escolhas à instituição escolar. Tendem a cometer erro em escolhas no investimento do seu já reduzido capital cultural (Bourdieu, 2003, p.483).

A estudante de Psicologia Joana, ao responder a pergunta “Como você vê sua saúde mental com universitária bolsista?” elaborou uma completa resposta que, apesar de ter sido respondida de uma única vez, será aqui separada em partes, para melhor análise:

Bem, em relação a essa questão, agradeço todos os dias pela minha fé, meus amigos da faculdade, pessoas que pensam como você – falando muito sério – e a minha terapeuta! [risos]. Tento descontraír e andar sorrindo quase sempre, mas confesso que é difícil. (Joana)

No começo da resposta, a entrevistada demonstra a importância das relações para o seu processo de manutenção da saúde mental, o destaque é dado às relações humanas, inclusive pelo fato dela ser estudante do curso de Psicologia, no 5º período. A resposta continua:

Além de toda a neura do “não pertencimento” que bate às vezes – seja por algum comentário que ouço ou simplesmente por não estar num dia muito bom – eu me cobro muito! Isso é algo que sempre falo na

terapia, meus pais e amigos também ficam preocupados, porque não me permito um semestre leve, sempre acho que preciso estar em mil coisas ao mesmo tempo, porque do contrário parece que estou perdendo tempo e não posso me dar esse luxo. (Joana)

Nesse trecho, a estudante destaca a ideia de não pertencimento e a relação com o estudante pagante. Essa relação, como já visto, pode ser tensa e causar desconforto. Além disso, a bolsista demonstra muito interesse em buscar a excelência acadêmica, aspecto que corrobora o medo de fracassar descrito por Bourdieu (2003). No último trecho da resposta, a seguir, a graduanda destaca a preocupação com as notas:

Martela na minha cabeça a ideia de manter o CR alto, de enriquecer cada vez mais a formação, de me formar logo pra trabalhar e, principalmente, a ideia de que meus pais estão apostando em mim, eles não fizeram faculdade e me permitem não trabalhar de segunda a sexta pra cursar o meu sonho. (Joana)

A relação com os pais e a ideia de corresponder à expectativa familiar de concluir o curso demonstra serem fatores importante. Não apenas como estímulo, mas fatores que provocam preocupação e estresse. A estudante precisa – para corresponder às suas expectativas e à dos seus familiares – se formar no menor tempo possível e com o melhor aproveitamento.

A qualidade da saúde mental dos estudantes da PUC-Rio demonstra ser uma preocupação institucional da universidade, que passou a oferecer programas voltados para as necessidades da comunidade universitária. Os relatos demonstram a importância da temática devido a quantidade de vezes que o assunto foi citado pelos entrevistados e dá a medida da necessidade de promover cada vez mais ações que possam mitigar fatores que provoquem ansiedade e desconforto frente ao futuro (que eles ainda têm como incerto).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. São Paulo: Vozes, 2003.

DELEUZE, Gilles. Controle e Devir. In: _____. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

RIOS, Olga F. L. et al. **Níveis de stress e depressão em estudantes universitários**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

SENNETT, Richard. **A Corrosão do Caráter**. Rio de Janeiro: Record. 1999.

SUICÍDIO DE JOVENS DO SEXO MASCULINO: TECENDO REFLEXÕES A PARTIR DE DOCUMENTOS E ESTUDOS

Marceli Cabral Vaz

Especialista em juventude

FAJE - vaz.marceli@gmail.com

Cérise Alvarenga

Doutora em Psicologia

Professora UNA - cerisealvarenga@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho objetiva compartilhar resultados parciais da pesquisa em andamento que investiga o fenômeno do suicídio entre jovens do sexo masculino e está sendo realizada no contexto da especialização “Juventude no mundo contemporâneo” e resultará no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A pesquisa é bibliográfica pois estão sendo realizadas leituras de artigos publicados na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e de cartilhas/subsídios produzidas pelo Governo Federal (Ministério da Saúde) e Organização Mundial de Saúde relacionadas ao tema. A leitura destes materiais tem possibilitado entender que o ato de se matar é um fenômeno que se apresentou no transcorrer da história humana do Oriente ao Ocidente, em diferentes sociedades com suas diversas culturas. Em algumas delas era interpretada como forma de controle demográfico e social ou de manifestar o poder sobre vida, sendo estimado por outras sociedades como ato covarde chegando a dividir opiniões de filósofos gregos, alguns consideravam que em algumas condições e circunstâncias o ato de tirar a própria vida poderia ser socialmente aceito. No Brasil, o suicídio é a quarta maior causa de mortes de jovens brasileiros. Ao buscar compreender o suicídio de jovens na contemporaneidade, encontramos dados que indicam que ele precisa ser entendido em sua complexidade e necessita das contribuições de diferentes áreas do conhecimento como a sociologia, a antropologia, a religião e a economia. Os artigos e as cartilhas/ subsídios consultados apresentam informações e análises do suicídio por meio de estudos de casos, entrevistas e do levantamento de informações coletadas em base de dados governamentais. A leitura destes materiais possibilitou também as seguintes apreensões: o suicídio é um fato social complexo que pode afetar indivíduos de diferentes origens, classes sociais, religião e identidades de gênero, entretanto, na realidade brasileira, dados do Ministério da Saúde relativos aos óbitos ocorridos por suicídio entre adolescentes e jovens, ocorridos entre 2012 à 2016, mostram que os jovens negros são os que mais realizam o ato de suicídio; entre os fatores que aumentam o risco de suicídio entre jovens são mencionadas as seguintes situações: violência física, homofobia, experiências de não pertencimento, exclusão e não aceitação de si mesmo por parte do próprio jovem, sua família e/ou amigos e consumo abusivo de álcool e uso de drogas. Os dados encontrados indicam que as instituições e agentes que atuam diretamente com os jovens precisam superar a ideia do suicídio como fenômeno individual e privado compreendendo-o como um problema de Saúde Pública; indicam que é preciso compreender a Saúde Mental dos jovens brasileiros em sua interface com sua realidade social, econômica e cultural, ou seja, a saúde ou ausência dela como uma produção social e cultural. As reflexões construídas sinalizam a importância de abriremos diálogos sobre suicídio e sua relação com a Saúde Mental dos jovens em diferentes espaços sociais habitados por eles: ambiente familiar, nas escolas, nos coletivos e na igreja. Nestes espaços é necessário construir momentos de reflexão buscando compreender por que o suicídio acontece, quais são os fatores de risco, o que pode ser feito, onde os jovens podem encontrar apoio e acompanhamento profissional, como no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) ou através do Centro de Valorização da Vida (CVV) que existe em alguns estados. Deste modo, as instituições e seus agentes precisam romper com o tabu de que este assunto precisa ser evitado, atuando no sentido contrário, ou seja, é preciso conversar sobre ele. Assim, poderemos atuar na perspectiva

da prevenção, pois somente conhecendo o fenômeno, contextualizando sua ocorrência e considerando a realidade social, econômica e cultural destes jovens é que será possível construir estratégias para prevenir as *tentativas de suicídio* ou acompanhar de maneira qualificada os jovens que em sua história já tenham tentado seu autoextermínio.

Palavras-chave: Suicídio; Jovens; Prevenção; Saúde Mental; Educação

INTRODUÇÃO

Alguns escritores e estudiosos descrevem em seus livros que a origem do termo suicídio ocorreu na Inglaterra, por volta de 1643 e também há autores que afirmam que ela foi escrita pela primeira vez na França, pelo abade Prevost, em 1734. A ação de tirar a própria vida é um fenômeno que está presente em diferentes culturas. De acordo com as pesquisas dos autores Neves, Correa e Nicolato (2010), o fenômeno do suicídio ocorreu em diferentes períodos históricos e contextos sociais, culturais, políticos e econômicos. Para ilustrar esta diversidade de contextos e sentidos, encontramos exemplos intrigantes como os habitantes da ilha de Ceos, no arquipélago grego, que se envenenavam quando ultrapassavam a idade de 60 anos, para que restasse comida para os mais jovens.

Para os autores, acima citados, o modo de interpretar o suicídio muda ao longo dos tempos, pois de acordo com período histórico de espaço e tempo, vão surgindo ressignificações e sentidos ancorados ao modo de funcionamento social e cultural dos povos. Prova disso é que no transcorrer da história, em alguns países, o suicídio foi aceito em determinadas circunstâncias e, em outros, condenados pela lei, como um ato criminoso (NEVES; CORRÊA; NICOLATO, 2010).

Entre dois pensadores que muito influenciaram nossa cultura ocidental encontramos diferentes posicionamentos sobre o suicídio: enquanto Aristóteles era radicalmente contrário ao suicídio, Platão defendia que tal gesto poderia ser aceito socialmente em determinadas circunstâncias. Para ele, haveriam três tipos de situações que poderiam configurar um contexto de exceção a proibição deste gesto: em caso de uma condenação (caso de Sócrates); no caso de dor insuportável ou doença incurável; em casos de misérias do destino, que incluiriam uma série de situações, como extrema pobreza ou vergonha.

No contexto do cristianismo, tanto no antigo como no novo testamento o suicídio foi sendo associado ao martírio e como forma de alcançar o paraíso. A partir dos textos de Santo Agostinho, o suicídio passa a ser fortemente condenado com argumentos que associam o ato suicida à covardia: “Aqueles que matam a si próprio são covardes incapazes de enfrentarem seus testes; e sua vaidade que o induz a dar importância ao que os outros pensam deles” (NEVES; CORRÊA; NICOLATO, 2010). Nesta perspectiva o ato suicida é compreendido como pecado, pois o homem nasceu para vida. E na perspectiva cristã, o Criador é quem tem o poder de dar e tirar a vida do ser humano.

A partir do século XIX com o desenvolvimento do discurso científico, o suicídio passa a ser compreendido a partir de diferentes saberes: psiquiátrico, sociológico, psicológico

e, mais recentemente, o biológico. Nesse contexto de investigação e busca de compreensão as perguntas norteadoras passaram ser: quem se mata, quantos fazem isso, porque fazem isso, em que circunstâncias e/ou condições, quais as características de quem se mata, quais as substâncias no organismo ou genes estão alterados em quem se mata (NEVES; CORRÊA; NICOLATO, 2010).

POR QUE É PRECISO FALAR SOBRE SUICÍDIO ENTRE JOVENS

Esta escolha e recorte de pesquisa ocorre em função da importância e relevância do tema sinalizadas pelos dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) e do Ministério da Saúde e com base nos dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM). Em 2017, identificou-se que, no Brasil, 11 mil jovens na faixa etária de 15 à 29 anos cometem suicídio e que os jovens negros são os mais que atentam o autoextermínio. Diante deste cenário, o Ministério da Saúde¹ estabeleceu como meta reduzir em 10% a morte por suicídio até 2020.

No Brasil, o suicídio é a quarta maior causa de mortes de jovens brasileiros. Ao buscar compreender o suicídio dos jovens na contemporaneidade, encontramos dados que indicam que ele precisa ser entendido em sua complexidade e necessita das contribuições de diferentes áreas do conhecimento como a sociologia, a antropologia, a psicologia, a religião e a economia.

A primeira etapa da presente pesquisa foi realizada no site na BVS² e nas cartilhas/subsídios publicadas pela Organização Mundial de Saúde e Ministério da Saúde. Os artigos e as cartilhas consultadas apresentam informações e análises do suicídio por meio de estudos de casos, entrevistas e do SIM que são coletadas nas bases de dados governamentais.

No primeiro momento da pesquisa, ao buscar artigos na BVS voltados para o tema do suicídio, apareceram 58.024 artigos publicados. Num segundo momento, ao inserir na aba de pesquisa as palavras “Suicídio Jovem”, o número reduziu para 18.420 artigos. Ao aplicar novamente os filtros com: título: “suicídio”; subtítulo: “tentativas de suicídio”; sexo: “masculino”; país: “Brasil”, foram encontrados 77 artigos. Buscando identificar artigos que tratassem sobre o tema “tentativas de suicídio” apareceram apenas 33 artigos publicanos no site BVS. Desses 33 artigos, 08 eram repetidos e 5 não abriram por meio das ferramentas que o site

1 Organização Mundial da Saúde (OMS) lança subsidio SETEMBRO AMARELO e Ministério da Saúde lança Agenda estratégica de prevenção do suicídio lançado em 2017.

2 A Biblioteca Virtual em Saúde – BVS MS, disponível na internet desde 2001, é uma divisão da Biblioteca do Ministério da Saúde responsável pela veiculação do site da BVS MS, no qual são publicadas as informações bibliográficas produzidas pelo Ministério da Saúde, bem como informações gerais na área de ciências da saúde. A BVS MS atua de forma cooperativa na Rede de Centros Cooperantes da BVS América Latina e Caribe. A Rede é visualizada como a base distribuída do conhecimento científico e técnico em saúde registrado, organizado e armazenado em formato eletrônico nos países da Região, acessíveis de forma universal na internet de modo compatível com bases de dados internacionais.

apresentava. Assim, a primeira etapa deste estudo foi realizada com 20 artigos, sendo 16 da área de enfermagem e medicina, 03 da área de psicologia e 01 da área de química.

Os artigos pesquisados foram elaborados por meio de estudos de caso em redes hospitalares, através de análise de formulários de atendimento, dados da OMS, formulários de entrevistas em cima dos dados do SIM. Estes artigos compartilham dados da área urbana e apenas 02 referiam-se a contexto rural. As regiões do país que mais elaboram artigos foram a região sul e sudeste e apenas 3 traziam dados da região nordeste.

No início da pesquisa, o objetivo era buscar dados sobre as tentativas de suicídio sobre suicídio consumado entre jovens do sexo masculino. Ao concluir a primeira etapa das leituras, encontramos que os maiores índices de tentativas de suicídio são do sexo feminino que utilizam, em sua maioria, veneno sendo os jovens do sexo masculino aqueles que mais se autoexterminam por usarem métodos mais letais, como as armas de fogo e o enforcamento.

Suicídio “é uma ação voluntária de matar a si mesmo, envolvendo uma tríade: vontade de morrer, ser morto e de se matar. É um ato consciente de autodestruição, cujo resultado a vítima tem conhecimento” (OLIVEIRA; BEZERRA; GONÇALVES, 2014). Segundo a conselheira Mariana Tavares da Comissão da Psicologia e Clínica do CRP³ – MG: “O suicídio é uma questão de saúde pública. O grande problema que a cerca é o tabu. Inúmeros preconceitos e julgamentos interferem negativamente no cuidado de nossa sociedade” (2016, s/p).

CONTEXTOS DE SUICÍDIO: SITUAÇÕES DE VULNERABILIDADE E SAÚDE MENTAL

O suicídio é um fenômeno complexo que pode afetar indivíduos de diferentes origens, classes sociais, raça/cor, religião, sexo e identidades de gênero. A palavra ou o assunto suicídio geralmente não é expresso nos lares, escolas, conversas entre amigos, no trabalho e entre outros ambientes.

Nesse sentido, compreendemos que o suicídio demanda a articulação de saberes de diferentes áreas como a sociologia, a psicologia, a antropologia, biologia e a saúde, envolvendo também, a religião e a economia. Alguns autores apontam que três modelos têm predominado no estudo do suicídio: (1) o sociológico, que relaciona o suicídio ao contexto histórico cultural; (2) o psicológico, que considera o suicídio como resultado de confluências internas dos indivíduos e (3) o modelo nosológico, que trata o problema como uma enfermidade. Eles enfatizam que estes modelos, ao serem tomados separadamente, apresentam limitações sendo necessário construir uma inter-relação entre os três modelos (PORDEUS; CAVALCANTI; VIEIRA; CORIOLANO; OSÓRIO; PONTE, 2009).

3 O Conselho Regional de Psicologia – Minas Gerais é uma autarquia de direito público que tem a finalidade de orientar, disciplinar, fiscalizar e regulamentar o exercício da profissão de psicóloga (o). É também atribuição do Conselho zelar pela fiel observância dos princípios éticos e contribuir para o desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão.

A sociedade, em seus diferentes momentos históricos e contextos, estabelece modelos do que seria um jovem mais adequado ou bem ajustado, imprimindo padrões de comportamento. No contexto contemporâneo é necessário considerarmos que a subjetividade dos jovens é atravessada por uma cultura capitalista, consumista, espetacularizada e excludente na qual as oportunidades não são as mesmas ou tratadas com equidade para todos (CASTRO, 2011).

Neste cenário cultiva-se o “ter” em detrimento do “ser”. Além disso, considerando o universo digital e a dinâmica das relações instaurada pelos meios das redes sociais digitais, valoriza-se o “simulacro” ou “imagem” de êxito e de sucesso em detrimento de experiências nas quais as perdas, as dificuldades, ou seja, as vicissitudes do existir possam ser integradas na construção identitária do sujeito. É necessário considerar, também, que as diferentes condições existenciais dos jovens (urbana, rural, classe popular ou elitizada, sexo feminino ou masculino, branca, parda, indígena ou negra) marcam e influenciam seu acesso ou não aos direitos básicos. Nestes contextos, os jovens podem apresentar sofrimentos psíquicos por experimentarem o sentimento de não pertencimento, de exclusão, de humilhação, de fracasso, de injustiça, de falta de perspectivas futuras e de um vazio existencial.

Dados brasileiros indicam que os óbitos ocorridos por suicídio entre adolescentes e jovens, no período de 2012 à 2016, mostram que os jovens negros são os que mais realizam o *ato de suicídio*; entre os fatores que aumentam o risco de suicídio são mencionadas as seguintes situações: violência física, homofobia, experiências de não pertencimento, exclusão e não aceitação de si mesmo por parte do próprio jovem, sua família e/ou amigos e consumo abusivo de álcool e uso de drogas.

O racismo causa impactos danosos que afetam significativamente os níveis psicológicos e psicossociais de qualquer pessoa. A prática do racismo e da discriminação racial é uma violação de direitos, condenável em todos os países. No Brasil é um crime inafiançável, previsto em lei. Os impactos do racismo geram efeitos que incidem diretamente no comportamento das pessoas negras que normalmente estão associados à humilhação racial e à negação de si, que podem levar a diversas consequências inclusive às práticas de suicídio. Os determinantes sociais e principalmente aqueles relacionados ao acesso e permanência na educação influenciam adolescentes e jovens negros sobre suas perspectivas em relação à vida. (BRASIL, 2018, p.54)

Os dados encontrados indicam que as instituições e agentes que atuam diretamente com os jovens precisam superar a ideia do suicídio como fenômeno individual e privado compreendendo-o como um problema social e de Saúde Pública; indicam que é preciso compreender a Saúde Mental dos jovens brasileiros em sua interface com sua realidade social, econômica e cultural, ou seja, a saúde ou ausência dela como uma produção social e cultural. As reflexões construídas sinalizam a importância de abriremos diálogos sobre suicídio e sua

relação com a Saúde Mental dos jovens em diferentes espaços sociais habitados por eles: ambiente familiar, nas escolas, nos coletivos e na igreja.

SUICÍDIO: CONSEQUÊNCIAS, TENTATIVAS E MÉTODOS UTILIZADOS

Para alguns autores, antes do ato suicida acontecer, em algum momento ele foi pensando/planejado e, as tentativas de suicídio, quando não concretizadas, podem levar a consequências intensas para vítima, familiares, órgãos públicos, hospitais, ambiente de trabalho e escolas. Assim, a sociedade como um todo sofre de forma direta ou indiretamente, visto que:

O comportamento suicida exerce forte impacto nos serviços de saúde, e estima-se que 1,4% da carga (burden) global ocasionado por doenças no ano 2002 deveu-se a tentativas de suicídio, e calcula-se que esta cifra chegará a 2,45 em 2020. Nesses cálculos são tomados os custos diretos (hospitalização, medicamentos) e indiretos (afastamento do trabalho, por exemplo) decorrentes da tentativa de suicídio (BOTEGA, 2009, p.2632).

É importante ressaltar que existem, também, as tentativas que não são encaminhadas para os hospitais, como exemplo temos o caso das mutilações de pequena proporção no qual as famílias ou parentes tentam resolver a situação camuflando utilizando o argumento de provocar a exposição do jovem ou de sua família (BOTEGA, 2009).

Os jovens encontram suas formas para tentativas de suicídio dentro de sua própria residência, utilizando principalmente os seguintes métodos: ingestão de venenos, armas de fogo, álcool e outras drogas, saltar de um prédio, enforcamento, provocar um acidente de trânsito.

(...) de forma geral os homens cometem mais suicídio e se utilizam de métodos com alto grau de letalidade como enforcamento, uso de arma de fogo e precipitação de lugares elevados. As mulheres apresentam maior número de tentativas de suicídio e os métodos mais usados por elas são a ingestão de medicamentos e outras substâncias tóxicas [...] (VIDALI; GONTIJO; LIMA; 2013, p.180).

Em relação aos fatores microsociais associados à depressão e ao suicídio são mencionadas as perdas pessoais, violências, isolamento social, conflitos interpessoais, relacionamentos interrompidos ou perturbados, problemas legais e no ambiente de trabalho. Durante a infância e adolescência os abusos físicos e sexuais e problemas com a orientação sexuais são também fatores associados aos processos depressivos (BAHIA, 2017).

A depressão é certamente o diagnóstico psiquiátrico mais observado em adolescentes que tentam o suicídio e manifestações de desesperança, transtornos de conduta, consumo de drogas, disfunção familiar, eventos estressantes, abusos e fatores biológicos podem ser considerados os principais agentes causadores desse distúrbio [...].

(PORDEUS; CAVALCANTI; VIEIRA; CORIOLANO; OSÓRIO; PONTE, 2009, p.1737).

Após a leitura dos artigos, cartilhas/subsídios da OMS e Ministério da Saúde, foi possível identificar que as tentativas de suicídio entre jovens ocorrem com maior frequência no sexo feminino (através de uso de medicamentos, inseticidas, herbicidas, e outros produtos químicos), entretanto, o ato de suicídio é maior no sexo masculino, pois os métodos utilizados são mais letais como uso: armas de fogo, enforcamento e uso de bebidas alcoólicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos artigos consultados, os autores apontam que a transformação do cenário atual relacionado ao índice de suicídios entre jovens estaria condicionado a duas modificações necessárias: *se* diante das primeiras tentativas de suicídio oferecêssemos atenção e tratamentos adequados aos jovens que procuram os hospitais/clínicas e *se*, pudéssemos contar com um conjunto de profissionais capacitados e habilitados para lidar com as situações de cada indivíduo, o número de suicídio talvez seria reduzido. Estes autores alertam que tal mudança demandará um trabalho em conjunto que considere as dimensões: social, econômica, política, religiosa e acadêmica na prevenção do suicídio.

As famílias, escolas, igrejas e os coletivos que trabalham com juventudes precisam conversar sobre as causas, os sintomas e as medidas de prevenção relacionadas a este fenômeno. Nestes espaços é necessário construir momentos de reflexão buscando compreender por que o suicídio acontece, quais são os fatores de risco, o que pode ser feito, onde os jovens podem encontrar apoio e acompanhamento profissional como no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e na instituição do Centro de Valorização da Vida (CVV). Estas instituições e todos agentes que nelas atuam precisam quebrar o tabu de que este assunto precisa ser evitado, atuando no sentido contrário, ou seja, é preciso construir espaços de diálogos abertos sobre o tema.

Deste modo, estas instituições e agentes poderão trabalhar na perspectiva da prevenção, pois somente conhecendo o fenômeno, contextualizando sua ocorrência e considerando a realidade social, econômica e cultural destes jovens é que será possível construir estratégias para prevenir as tentativas de suicídio ou acompanhar de maneira qualificada os jovens que, em sua história, já tenham tentado e/ou pensado em suicídio.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Camila Alves et al. Lesão autoprovocada em todos os ciclos da vida: perfil das vítimas em serviços de urgência e emergência de capitais do Brasil. *Rev. Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 2841-2850, set. 2017.

BOTEGA, Neury José et al. Prevalências de ideação, plano e tentativa de suicídio: um inquérito de base populacional em Campinas, São Paulo, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 12, p. 2632-2638, dez.2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Óbitos por suicídio entre adolescente e jovens negros 2012 a 2016*. Universidade de Brasília. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Setembro Amarelo: Ministério da Saúde lança Agenda Estratégica de Prevenção do Suicídio*. Brasília, 2018.

BRASIL. Estatuto da Juventude (LEI Nº 12.852, DE 5 DE AGOSTO DE 2013).

BRASIL. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em saúde. *Boletim Epidemiológico*. Volume 48. Nº 30. Brasília, 2017.

CASTRO, Lucia Rabello. Os jovens podem falar? Sobre as possibilidades políticas de ser jovem hoje. In: DAYRELL, J.; MOREIRA, M. I. C.; STENGEL, M. (Org.). *Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira* (4.: 2010, Belo Horizonte, MG) S612j Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Ed. da PUC Minas, 2011.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA. Boletim informativo do CRP-MG. Suicídio é uma questão urgente de saúde pública. Disponível em: < <https://crp04.org.br/suicidio-e-uma-questao-de-saude-publica/>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. O suicídio e os desafios para a psicologia. Brasília, dez.2013. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/publicacao/suicidio-e-os-desafios-para-a-psicologia/>>. Acesso em 20 maio. 2019.

GONCALVES, Ludmilla R. C.; GONCALVES, Eduardo; OLIVEIRA JUNIOR, Lourival Batista de. Determinantes espaciais e socioeconômicos do suicídio no Brasil: uma abordagem regional. *Nova econ.*, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 281-316, agos. 2011.

NEVES, Fernando; CORRÊA Humberto; NICOLATO, Rodrigo. Suicídio e Cultura: uma proposta para o fortalecimento da rede de cuidados em saúde mental. *Debates hoje*, Rio de Janeiro, Ano 2. N 5, p.24- 29, set/out. 2010.

Disponível:<https://www.brasildefato.com.br/2018/09/21/jovens-sao-grupos-mais-vulneraveis-ao-suicidio/>. Acesso em: 11 abr. 2019.

OLIVEIRA, Maria I.; BEZERRA FILHO, José Gomes; GONCALVES-FEITOSA, Regina F. Tentativas de suicídio atendidas em unidades públicas de saúde de Fortaleza-Ceará, Brasil. *Rev. salud pública*, Bogotá, v. 16, n. 5, p. 683-696, set. 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAUDE. *Transtornos mentais e comportamentais, Departamento de saúde mental*. Genebra, 2000.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAUDE. *Prevenção do suicídio: um recurso para conselheiros*. Genebra, 2006.

Suicídio é uma questão de saúde pública. Disponível em: < <https://crp04.org.br/suicidio-e-uma-questao-de-saude-publica>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

PORDEUS, Augediva Maria Jucá; CAVALCANTI, Luciano Pamplona de Góes;

RAMIREZ, Mario Elkin. Adolescentes e redes sociais virtuais. IN: LIMA et al. *Juventude e Cultura digital: diálogos interdisciplinares*. Belo Horizonte: Artesã, 2017.

VIDALL, Carlos Eduardo Leal; GONTIJO, Eliane Costa Dias Macedo; LIMA, Lúcia Abelha. Tentativas de suicídio: fatores prognósticos e estimativa do excesso de mortalidade. *Cad. Saúde Pública*; 29(1): 175-187, jan. 2013.

VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza; CORIOLANO, Lindélia Sobreira; OSÓRIO, Magnólia Montenegro; PONTE, Maria Socorro Ramos da; BARROSO, Sara Maria Cavalcante. Tentativas e óbitos por suicídio no município de Independência, Ceará, Brasil. *Ciênc. Saúde Coletiva*; Rio de Janeiro, v.14 n°(5).p. 1731-1740, nov-dez. 2009.

UMA PERCEPÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTO-JUVENIL EM RODAS DE CONVERSAS DENTRO E FORA DO ESPAÇO ESCOLAR

Vagner Moreira da Silva

Mestrando em Filosofia

FAJE - vagnermoreirdasilva@yahoo.com.br

Resumo: Por *percepção* assumimos a posição fenomênica de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) em sua obra *Fenomenologia da Percepção* (1945). Segundo este autor, a percepção é o modo como nos apercebemos envolvidos e envoltos pelo nosso corpo no-mundo-com-os-outros. E expostos a ser conhecidos pela espontaneidade de nosso corpo. “De forma que, se desejássemos traduzir exatamente esta experiência perceptiva deveríamos dizer que se percebe em mim em meu ser-corpo e não que eu a percebo”¹. E por *psicossocial* seguiremos as pegadas de Kathia Maria Costa Neiva e colaboradores cuja obra: *Intervenção Psicossocial: Aspectos Teóricos Metodológicos e Experiências Práticas* (2010). Percebe-se, nesta obra, o entendimento acerca de psicossocial em consonância com a intervenção. A saber: “[...] mudança, transformação, pesquisa e ação que visam o bem-estar psicossocial dos indivíduos, grupos e comunidades”². Por isto, qualquer reflexão junto ao padecente de condicionamentos que impossibilite a sua emancipação e sinalize o despertar de sua consciência e seu engajamento, é uma intervenção. Para tanto, lançaremos mão de três fontes, a obra do também do psiquiatra e psicólogo de crianças e adolescentes Haim Grünspon - *Os direitos dos Menores* – publicada nos anos de 1985. A percepção de olhares e apreciações sobre crianças, adolescentes e jovens; durante os séculos e na transição do século XIX descrita por Haim Grünspon parecem-nos pertinentes e contemporâneas. Junto às obras citadas, iremos nos valer de seis anos de experiências em sala de aula e fora dela. De rodas de conversas com alunos e alunas, sobretudo, de 15 a 25 anos de idade. Junto a outros oito anos de vivências com jovens no seio eclesial. E outros sujeitos em espaços e movimentos sociais. Este ensaio se desenvolverá em dois momentos. O primeiro, apontaremos peculiaridades percebidas no desenvolvimento da criança que se acentuam durante a adolescência. Fenômenos que se acentuam no estágio da adolescência. No segundo momento, apontaremos aspectos singulares na adolescência e certas percepções que tendem estigmatizar o público infanto-juvenil. A exposição deste ensaio, porém, deverá nos lançar acerca da imprecisão do conceito de criança e adolescente em seus Estatutos. E tal imprecisão aponta-nos peculiaridades deles antevista na obra de Haim Grünspon sobre o público infanto-juvenil. Oferecendo-nos um olhar histórico mais sensível e aberto. E não a reprodução de estigmas, violências, olhares vexatórios e marginalização do público infanto-juvenil. A reflexão e compreensão nos passos da obra de Haim Grünspon, em consonância com a perspectiva de percepção de Maurice Merleau-Ponty e a proposta de intervenção Kathia Maria, portanto, fomentarão as seguintes indagações no convívio com o público infanto-juvenil, não: *O que é a violência entre os jovens?* E tampouco, os jovens se revelam violentos *por quê?* E sim: *Quais as causas e motivações deles se tornarem violentos?* Igualmente: *Educação brasileira para quem?*

Palavras-chaves: Infanto-juvenil; reprodução; tecnocracia; marginalização.

1 MERLEAU-PONTY, 2011, p. 290.

2 NEIVA, 2010, p.13.

A APARENTE IRRELEVÂNCIA

A impossibilidade de se definir criança e adolescente com precisão parece originar das peculiaridades destes sujeitos em pleno momento e efervescências de suas vidas. Dado que parece ser perceptível já durante o período medieval.

1.1 BREVE HISTÓRIA INFANTO-JUVENIL E SUAS PECULIARIDADES

O Estatuto da Criança e do Adolescente, de 13 de julho de 1990 em seu artigo segundo, sinaliza um dado significativo acerca da criança e adolescente.

Art. 2º Considera-se criança, para efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. *Parágrafo único.* Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade³.

Pode-se objetar dizendo que a mudança é uma condição continua de todos os sujeitos. E inseridos na sociedade eles afetam e são afetados modificando-se e a outrem também. Não são, porém, as mudanças biológica, psíquica e motora, nem as circunstanciais de modos e hábito que se despontam em questão a acerca das crianças e adolescentes. E sim a mudança de todas as suas estruturas em correlação. Incidindo e aflorando como novidades hormonais, emocionais e afetivas em tensão e ambivalência. Merleau-Ponty, percebendo a subjetividade pelo corpo em desenvolvimento e abertura afirma: “Os psicólogos mostram que o subjetivo não é necessariamente introspecção; há um conhecimento de si difícil, lento, não imediato que é uma decifração tão complexa quanto a decifração do outro”⁴. O autor se manifesta acerca da subjetividade sem se ater a idade cronológica. Esta observação tende a ser mais pertinente se considerarmos a subjetividade criança e adolescente. Isto é, do sujeito no florescimento efervescência da vida.

Ora, as novidades vividas e expressas pela criança e adolescente, singularizam-se porque as relações, a visão de mundo, suas percepções revelam-se em contínuas incertezas. Contrários a outros momentos da subjetividade, a partir da qual o sujeito por experiências e vividas já se tem certo chão ou estrato mais conciso pelo qual ele decide e age. A formação da subjetividade da criança ou de suas estruturas cognoscentes e relacional se desenvolvem em contínuo eclipsar, cujo ápice parece ser a adolescência. Quando em vez, nas etapas de desenvolvimento, a criança poderá ser percebida em sua expressividade, um aí para fora de si mesmo. Ou fechado e em encapsulado com suas sensações, sentimentos e incertezas. E não em duplo movimento de retenção e abertura. Para o filósofo da Sorbonne - obra de 1945 - cada pessoa se acessa e se revela pelo o seu corpo-próprio emerso-no-mundo. E sob tal condição, inevitavelmente, as emoções, modificações e comportamentos vividos, são vividos

3 ESTATUTO DO MENOR E DO ADOLESCENTE/ ECA. 2003. p.1.

4 MERLEAU-PONTY, 1990, p.180.

e expressos pelo corpo de imediato que se assume e se distende⁵. Isto quer dizer necessariamente para Merleau-Ponty, “[...] quer se trate se trate do corpo do outro ou do meu próprio corpo, não tenho outro modo de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retornar por minha conta o drama que o transpassa confundindo-me com ele”⁶.

Este drama sentido e expressão há de ser ainda mais dramático pelos corpos dos adolescentes, para os quais o mundo, vida, as emoções e as relações se despontam como incertos. Por isso, toda a infância e desenvolvimento da criança exigem atenção sensível. E a travessia pela adolescência, coincidindo com os confrontos de inúmeras novidades e novas percepções e maneiras de se ver e outrem, não será fácil de realizar sozinho. Delicada travessia que parece ter sido antevista já no período medieval.

Na alta Idade Média, o vocábulo para designar criança era ainda bastante inconcreto: *infantia*, até 7 anos, *pueritia*, entre 7 e 14 anos, *adolescencia*, de 14 a 21 anos. Alguns autores faziam outra divisão: *infans*, do nascimento aos 2 anos, *puer*, dos 2 aos 12; e *adolescens* ou *juvenis*, a idade de juízo e o começo de uma atividade profissional⁷.

Não é nenhum acaso a imprecisão sobre o sujeito infanto-juvenil em seu desenvolvimento. Há em curso e, em contínua tensão, uma vida que se estrutura se assumindo. Parecendo ser conduzida muitas vezes pelo medo, insegurança ou sem um e outro também. Assim, o público infanto-juvenil chama a atenção de estudiosos de diversas áreas. Estes observadores quase sempre visam definir e responder precisamente sobre os comportamentos infanto-juvenis. Porém, “o pensamento objetivo ignora o sujeito da percepção” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 279). Outra lida possível é perceber crianças e adolescentes se descobrindo e se expressando. Não conceituar seus comportamentos.

1.1.2 VÍNCULOS ENFRAQUECIDOS E O REAPARECIMENTO SOFRIMENTO MATERNAL

Reconhece-se o valor dos avanços da técnica geradora da tecnologia. A tecnologia que hoje lançamos mão, continuamente propõe a eficiência e certeza bem como o estreitamento de laços. O ato de pensar, porém, enquanto exercício da razão que cria e modifica o mundo e ao homem, não é uma atitude unívoca. É um ato antropológico polivalente a partir do

5 Maurice Merleau-Ponty desenvolve sua fenomenologia do corpo-próprio retomando ao mundo antes vivido e sentido pelo corpo mesmo de imediato. “Retornar às coisas mesmas é retornar ao mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento *fala*, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata [...]” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.4). Quem realiza este retorno é o corpo-próprio em um só golpe. “Engajo-me com meu corpo entre as coisas, elas coexistem comigo enquanto sujeito-encarnado, e essa vida nas coisas não tem nada de comum com a construção dos objetos científicos” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 252).

6 MERLEAU-PONTY, 2011, p. 269.

7 GRÜNSPUN, 1985, p.38.

qual o homem se envolve e se percebe envolvido⁸. Assim sendo ou sendo assim, técnica e tecnologia não devem substituir os laços e o convívio face-a-face ou corpo-a-corpo entre os sujeitos. E tampouco, criar ideias de relações e laços sob o ordenamento mental divorciados do mundo afetivo. Isto equivale a deslocar os sujeitos da realidade fatídica para a virtual, na qual tudo parece ser possível. Geram-se técnicas de relações e esquemas de laços desenraizadas da vida vivida e sentida. Representa-se a realidade por meio de laços frágeis. Por laço real, tangível e concreto compreendemos genuinamente “partes” que se enlaçam exprimindo vínculo profundo. Na acepção do diálogo entre a raposa e pequeno príncipe. A saber, “uma coisa bastante esquecida, disse a raposa. Significa “cativar, criar laços...”⁹, de pertença e identidade referencial. Os laços dos pais com os filhos, professor com os alunos e de uma liderança religiosa com os membros da comunidade não serão mecânicos, frágeis e efêmeros se o entrelaçamento da vida for sentido-vivido e não mental. Inversamente, as consequências são inúmeras na sociedade e no espaço eclesial.

Se a maternidade protegia melhor a vida da mulher, passa-se a desproteger cada vez mais a relação mãe-filho. O pai passa a ser personagem isolado, [...]. Não toma conhecimento do ato de amor e de criação máxima. O filho não faz chamamento para a vida. A mulher conserva a ideia de sofrimento do parto na relação com o filho¹⁰.

Os laços deslocados do corpo-a-corpo e face-a-face parecem não gerar afeto, já que a afecção e a afeição são fenômenos experimentados em contatos imediatos. A partir dos quais se vai desenvolvendo a identidade, a pertença e reconhecimento. Do contrário, criam-se desafetos e certos desalentos que emergem como ansiedade e insegurança demasiadas.

[...] poderá ter a criança seu corpo desenvolvido para o futuro através da ligação amorosa com o corpo da mãe, porque ela alimenta, embala, acaricia e transporta o bebê, [...] o seu próprio corpo ajude a construir a imagem de um corpo bom para a vida; seu e dos outros¹¹.

No cotidiano de trabalho ouço professores, dos anos iniciais, descreverem choros contínuos de crianças, pirraça ou olhares entristecidos dos pequenos alunos. Embora não se tenha, em nosso horizonte de trabalho, a clareza das funções de cada instituição que envolve o aluno, este na escola é um sujeito em desenvolvimento. E aqueles dos anos iniciais, inseridos nas creches e no pré-escolar, pressupõem cuidado redobrado não somente pela vulnerabilidade de suas idades. Mas, também, pela ruptura abrupta causada pelas necessidades sociais e econômicas seus pais.

8 PAIVA 1998, p.9.

9 SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.67.

10 GRÜNSPUN, 1985, p.42.

11 GRÜNSPUN, 1985, p.43.

Mas, choros contínuos, pirraças e olhares entristecidos podem ser sinais de certa cisão abrupta dos laços em seus lares justificados sob as necessidades sociais e econômicas. E pelos arranjos variados de família. Deve-se perceber igualmente, em um espaço escolar com mais de dez crianças, “quando uma *crecheira*, *pagem* ou *professor* cuida demais de quatro crianças, estas não respondem, só ouvem”¹². Os gritos podem ser expressões do corte repentino. “O gesto linguístico como todos outros, desenha ele mesmo o seu sentido”¹³. Estes fatos, fundidos com imperativo norteador do imaginário de quase toda a sociedade, segundo o qual: “*Deve-se colocar a criança logo cedo na escola para que ela interaja com as diferenças, assimile rapidamente os primeiros conteúdos e se desenvolva melhor e mais rápido!*” E ainda, junto a imposição de regras para a educação sem que se ouçam os sujeitos deste ofício, corroboram para mais choro e rupturas de laços. Vale dizer que a escola é desconhecida pelos agentes de laboratório. “Não há condições de transferir de um país ao outro método e técnica de educação. Deve ser específico para cada país. Por isto é base da soberania”¹⁴. E sob o discurso e projeto sociais técnicos, de escola perfeita e alunos bons:

Quase todas as mães têm a imagem do filho ideal. O bebê ideal é aquele que não chora, dorme quando se acha que tem que dormi e acorda também”. Deve aprender com rapidez a controlar os esfínteres, deve ir ao banheiro para tomar banho [...], deve brincar sem barulho quando os pais estão em casa e deve obedecer sempre que os pais mandam-no fazer algo¹⁵.

2. EXPRESSÕES SIMBÓLICAS E CONTRASTANTES

Como será a adolescência das crianças idealizadas? E o futuro adulto que logo cedo de súbito teve seus laços rompidos?

2.1. DOMÍNIOS DISCRETOS

Percebemos o domínio sobre a criança desde cedo, ao serem pensadas e não percebidas ou compreendidas como crianças, dizem: *As crianças são o futuro do Brasil!* Li um grafite, avesso, a tal pretensão em um muro que dizia: “*Não queremos ser pensados como o futuro e sim como o presente do país!*” Para Foucault, “o poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor”¹⁶. Adoça-se os corpos disciplinando-os visando resultados acertados. “O domínio mais grave que os pais podem exercer é quando

12 GRÜNSPUN,1985, p.46.

13 MERLEAU-PONTY, 2011, p. 253.

14 GRÜNSPUN,1985, p.63.

15 GRÜNSPUN,1985, p.47.

16 FOUCAULT, 2008, p.143.

ameaçam [...] privação de amor ou de privação de sua presença”¹⁷. Evitar estar junto, ouvir e interagir com a criança equivale a privar ela de seu desenvolvimento motor, cognitivo, emocional e afetivo. Objetos e utensílios são substituíveis, as crianças mesmas são capazes de criar objetos com os quais interagem e se divertem. Mas, não fazem o mesmo com os pais. Tenta-se substituir, os pais de condição econômica elevada, a presença afetiva por objetos ou colocando-os em escolas particulares para garantir um futuro promissor. “Um bom jardim de infância garante matrícula num bom primário. Um bom primário garante um bom secundário, este um bom colegial, e só então uma boa universidade”¹⁸. Igualmente, às vezes, os primeiros Sacramentos recebidos por nossas crianças parecem assumir traços de uma formatura escolar. E os pais de filhos que estudam na rede pública de ensino, como eles projetam o futuro de seus filhos? Ora, na rede pública escolar, muitos alunos são órfãos ou de pais distintos e separados. Inúmeras vezes, a mãe, avó (ô), tia (o), irmão (ã); um destes é que o responsável.

Nas reuniões e conselhos, momentos de apuração dos aproveitamentos dos alunos, tenta-se considerar a situação social de muitos deles que incide sobre o rendimento. A lógica numérica, porém, quantificadora que orienta os planos pedagógicos impossibilita maior percepção e compreensão do não avanço dos alunos. Segundo esta lógica, a do gráfico técnico pensado, há sempre uma meta a ser atingida e uma estatística positiva a ser alcançada. Esta imposição dispersa os professores de muitos fatos sociais que tocam o aproveitamento escolar. Sobretudo, se alguns colegas de ofício forem adeptos da ideologia tecnicista, eles nem percebem o que se lhes apresentam dos alunos. Inversamente, assumem a posição de serem eles mesmos os representantes da mão forte do Estado. E proferem palavras fortes, *desorganizado, indisciplinado, irresponsável, problemático, sem limites, não querem nada com a dureza*. Que mãe, pai, tio ou responsável pelo aluno, após uma semana de jornada de trabalho e imbuídos por outras responsabilidades, serão capazes de uma conversa amistosa como o filho após estes relatos?

Entre os pais de condição social e econômica elevadas, as tratativas com seus filhos são outras. Lista de material escolar, transporte pago e seguro, recursos para alimentação, pensa-se cursos paralelos, orientação particular, teste de vocação profissional. Este contraste é subproduto de uma história atravessada de preconceitos velados e reproduzidos com novas roupagens. Colocando-nos a questões, *A educação brasileira é para quem? A escola brasileira serve a quem, quais os sujeitos de fato têm acesso à educação e quais os protagonistas do processo de elaboração da educação vigente?* Muda-se o rótulo, porém, o conteúdo programático é os mesmo de outrora.

[...] no Brasil, regra geral, esse menor pertence a uma família em vias de marginalização nas grandes cidades, por baixo nível de renda, habitação subumana, subalimentação, analfabetismo e baixa escolaridade, baixo nível sanitário [...], insegurança social¹⁹.

17 GRÜN SPUN, 1985, p.47.

18 GRÜN SPUN, 1985, p.49.

19 GRÜN SPUN, 1985, p.83.

De outra forma, “a escravidão, aceita desde os povos da Antiguidade para servir os poderosos de então, continua sendo aceita no mundo civilizado. São os incultos, os analfabetos, o não civilizados que devem ser escravos ²⁰”.

2.1.1 SIMBÓLICA DOS CORPOS

Um dos momentos mais sonhados pelos alunos nas escolas, quase sem exceção, é o horário de recreação. Eles, sonham, planejam, usam artifícios para saírem antes e conferir o cardápio do dia. Os minutos que antecedem a refeição, eles se revelam inquietos e ansiosos pelo cheiro. Ao saber o cardápio, um comunica ao outro sucessivamente e logo começa a agitação. É o clímax acontecendo. Imagino como eles se sentem. Sair do espaço enfileirado e quadrado poder respirar e sentir o ar e o sol livremente. Parecem pássaros engaiolados pelas mãos dos homens, cujos cantos e assobios em suas prisões encantam os ouvidos de colecionadores. Mas, na verdade, são gritos reprimidos.

Pode-se objetar dizendo que são jovens e novos. E, portanto, têm eles suas estruturas mais flexíveis e com capacidade de dilatação e condensação maiores, se comparadas com as dos adultos. Mas, não parece para nenhum sujeito, como percebemos no esporte, no desempenho corporal no teatro, na dança; condicionar o corpo sob um único estado durante muito tempo como saudável. Ouvi, certa vez, um professor dizer e concordo que estudar é tal como o ofício de trabalhador rural na capina. Feliz analogia, quem já trabalhou neste ofício e depois tem a oportunidade de estudar compreende bem a coerência da analogia. Ou seja, estudar é o mesmo que capinar sentado. Todavia, se as ferramentas do trabalhador rural estiverem afiadas e se ele traz consigo uma garrafa de água fresca e, quando vez, faz uma pausa e avista o campo aspirando o ar sem pressão, o peso do ofício é suavizado. Inversamente, se as ferramentas dos alunos, o campo comparado a todo espaço escolar, a possibilidade de se respirar, são substituídos pelo discurso e método técnicos, o ofício de aprendizagem torna-se pesado e fatigante. Vários muros das escolas têm cercas de arames e câmeras instaladas para gerar a falsa sensação de segurança. Este modelo de controle não somente nos faz pensar: *Escola para quem? E sim o governo quer resguardar a vida de quem?*

A experiência nazista, que durou somente 12 anos e onde a criança estava diretamente ligada ao Estado através de um pai simbólico felizmente foi superada e se mostrou ineficaz. O trato destes regimes para com os menores foi o de “Maior Interesse do Estado”: soldados precoces gendarmes da nação, [...]. Não compreendiam o porquê da guerra e só sabiam servir seus senhores, substitutos de suas famílias²¹.

20 GRÜNSPUN, 1985, p.58.

21 GRÜNSPUN, 1985, p.69.

É a lógica utilitarista, segundo a qual, vale sacrificar alguns em detrimento da maioria. Prazer e realização propagados sobre a dor alheia resultam na indiferença e falta de empatia²². Cria-se uma sociedade que não se dispõe a sentir e viver a dor, a angústia e certo grau de ansiedade. No espaço eclesial, porém, quando a percepção litúrgica das celebrações e encontros se discorre sob a orientação da eclesiologia do Vaticano II, cujo núcleo vivencial é Trindade em inter-relação circular, os domínios sob os corpos se dissolvem²³.

2.1.2 PATOLOGIAS REPRODUZIDAS

Expressões *menor infrator* ou o *delinquente* há muito ganham adesão em todos os espaços e meios de comunicação. Ao serem ouvidas ou pronunciadas, logo as relacionamos com insegurança, medo, pavor, desconfiança e punição. Grünspun analisando os sintomas da violência entre jovens nos anos de 1960 e seguintes, no Brasil e mundo, elencou atores e fatores, naqueles contextos que parecem se assemelhar ao nosso. Segundo ele, a violência tem dois sintomas, *ataque e fuga*.

Sintomas de ataque: A) Destruição pelo próprio prazer de alcançá-la (usa o nada); B) Subversão (política, religiosa e econômica); C) Repressão política, econômica e cultural; D) E o genocídio. *Sintomas da fuga:* A) marginalização cultural e social; B) Abusos de drogas; C) Ergonomia; D) Fanatismo e mentiras de mitos²⁴.

O autor faz uma distinção didática de um mesmo fenômeno com duas faces mais evidentes. Ele não deseja reafirmar os rótulos sobre os grupos infanto-juvenis. E sim a necessidade de tratamento, como é normal, para todo adoecimento. Ele não criminaliza o jovem adoecido e sim sinaliza traços de seus adoecimentos psicossociais. Assim se revela a *destruição pelo próprio prazer*. Ou de outra maneira, a fala de alguns jovens, “*Adrenalina vicia!*” Também, o desejo muitas vezes da subversão total que se origina da *repressão militar, econômica e cultural* vivida e sentida pelos jovens. O autor se baseia em estudos sobre violências fora e dentro do Brasil, nos anos de 1960, envolvendo o público infanto-juvenil que geraram espanto comoção mundiais. “A condenação à morte de menores nos USA, por se considerar que a violência destes jovens não poderia ser superada como medidas correcionais ou educativas. [...] crianças soldados no Irã, Iraque e Líbano [...]”²⁵. Os olhares sobre estes eventos, se-

22 A lógica que se naturalizou do domínio de dois senhores sob o gênero humano, a *dor* e o *prazer*, é o método visivelmente concreto de higienização social de muitas plataformas de governo. No cenário nacional e mundial. BENTHAM, 1973, p.10.

23 Maravilhosa exposição da eclesiologia do Vaticano II descrita como se segue: “Professar Deus Como Pai, Filho e Espírito Santo significa entender resolutamente a Deus como amor, como diálogo, como amizade, como vida em relação, que ocorre entre um “eu” e um “tu” na comunidade de uns “nós” que se une e que se doa a outro”. (KEHL, 1997, p.60).

24 GRÜNSPUN, 1985, p.91.

25 GRÜNSPUN, 1985, p.93.

guidos de forte comoção programada, eram sempre de rechaços e condenatórios; pediam-se responsabilização e condenação pelos atos cometidos. Hoje no Brasil, os nossos meios de comunicação e o jornalismo investigativo geram as mesmas comoções programadas. Não hesitam em, após duas ou três reportagens envolvendo menores, em fomentar a necessidade de se rever o Estatuto da Criança e do Adolescente.

[...] faz-se uma avaliação especial e singular para o comportamento criminal do menor. É baseado em uma concepção essencialmente paternalista, carente de rigor científico, preferindo chamá-los de inadaptados, de desvio de conduta, de conduta anti-social, buscando com isto uma planificação preventiva²⁶.

Talvez, não se deva perguntar para se superar a doença da violência que também afeta os jovens: *O que é a violência entre os jovens?* Ou pouco ainda, se eles revelam violentos *por quê?* E sim, *quais as causas e motivações de se tornarem violentos?* A possível resposta, a tais indagações, equivale a não responder rapidamente às perguntas suscitadas ou de modo simples, aos fatos profundos e herdados que tendem a se perpetuar. Mas, perceber a vida e história falando do público infanto-juvenil em seus lares, escolas e no seio eclesial.

2.1.3 REAVENDO PRECONCEPÇÕES

Os condicionantes estruturais que envolvem o aluno (a) são diversos. Apontamos apenas alguns mais visíveis dentro e fora do espaço escolar. Mesmo sinalizando, neste ensaio, as nossas experiências e as partilhadas por colegas de ofício, dentro e fora da geografia escolar, elas resultam também de nossa geografia existencial. A saber, de partilhas e conversas com alunos em pontos de ônibus e dentro do transporte público, em filas de banco, em postos de saúde e comércios. Nestes locais as revelações são as mais ricas possíveis. Inúmeras vezes, eles mesmos desconstroem os rótulos que sobre eles são colocados. Muitos destes jovens, também, apontam raízes religiosas e a busca de respostas para suas angústias. E se não há percepção sensitiva, atenção ou capacidade de ouvir quais os fatos e situações o público infanto-juvenil relata na família, espaço eclesial e escola, os meios de comunicação e a violência estrutural darão atenção a tais fatos e situações.

REFERÊNCIAS

BENTHAM, Jeremy. *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Col. Os Pensadores).

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. 5. ed. Brasília, 2003. (Senado Federal – Gabinete do Senador Eduardo Azeredo).

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

26 GRÜNSPUN, 1985, p.85.

GRÜNSPUN, Haim. *Os direitos dos Menores*. São Paulo: Almed, 1985.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Merleau-Ponty na Sorbonne: Resumos de Cursos – Psicossociologia e Filosofia*. São Paulo: Papirus, 1990.

NEIVA, Kathia Maria Costa & Colaboradores. *Intervenção Psicossocial: Aspectos teóricos, metodológicos e experiências práticas*. 1.ed. São Paulo: Vetor, 2010.

KEHL, Medard. *A Igreja: Uma Eclesiologia Católica*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1997.

PAIVA, Márcio. *A liberdade como horizonte da verdade segundo Martin Heidegger*. Doutorado em Filosofia. Faculdade - Editrice Pontifica Università Gregoriana, Roma, 1998.

SAINT-EXUPÉRY de Antoine. *O Pequeno Príncipe: com as aquarelas do autor*. Petrópolis: Vozes, 2015. (Série Vozes de Bolso – Literatura).